

A noção de sujeito e os sentidos de inclusão e exclusão escolar

Daniela Giorgenon*

Resumo: Nesse texto, apresentamos o conceito de sujeito para desvelarmos sentidos sobre a inclusão que circulam na escola e capturam o discurso de sujeitos nela inseridos, (d)enunciando seu avesso: sentidos de exclusão. Apresentamos, também, a análise de um recorte de discursivo, a partir do qual escutamos as (d)enunciações dos sujeitos.

Palavras-chave: sujeito escolar; inclusão; exclusão.

Algo fala (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’
(PÊCHEUX, 1997, p.162).

Fragmento de um estudo

Esse escrito traz fragmentos da dissertação de mestrado “Sentidos de inclusão e exclusão na voz de sujeitos escolares: o deslocamento do déficit pela via da falta”. Apresentaremos o conceito de sujeito da Análise de Discurso de matriz pecheuxtiana, a qual alicerça nosso olhar teórico-analítico, para desvelarmos sentidos sobre a inclusão que circulam na escola e capturam o discurso de sujeitos nela inseridos, (d)enunciando seu avesso: sentidos de exclusão. Na referida dissertação, escutamos (d)enunciações de sujeitos-professores e sujeitos-coordenadores de escolas públicas e particulares sobre o processo de inclusão de alunos considerados com deficiência mental nas salas regulares e aqui apresentamos um recorte de uma dessas entrevistas. Antes da análise, apresentamos o arcabouço teórico.

A noção de sujeito na Análise de Discurso (A.D.)

Pêcheux ao elaborar o conceito de sujeito discursivo, se ancorou em contribuições marxistas-althusserianas e freudianas-lacanianas, propondo um sujeito incompleto tal qual a linguagem que o constitui. A concepção de sujeito da psicanálise, sujeito ao inconsciente, fundado por Freud e relido por Lacan, deslocam o cogito cartesiano com a constatação subversiva freudiana de que o homem não é senhor em sua própria morada (FREUD, 1996). Lacan (1998) sistematiza a descoberta freudiana com os aforismas “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, “o inconsciente é o discurso do Outro”, “o sujeito emerge entre significantes” e aponta a castração do sujeito, sua submissão ao campo da linguagem, ao campo da anterioridade das palavras, do Outro. No campo da ideologia, Althusser (1996), em sua releitura de Marx, alicerça sua teoria afirmando que não há ideologia sem o sujeito, assim como também não há

* Mestre em Psicologia pela FFCLRP/USP. Especialista em Psicanálise pela UNIFRAN. Pesquisadora do E-L@DIS – Laboratório Discursivo: sujeito, rede eletrônica e sentidos em movimento, da FFCLRP/USP. Membro fundador do Lalíngua - espaço de interlocução em psicanálise. E-mail: danielagiorgenon@gmail.com

sujeito sem a interpelação da ideologia. Nomeia tal funcionamento de uma dupla constituição, o que nos remete à constituição do sujeito pelo Outro de acordo com a psicanálise. Althusser (1996) sugere que a ideologia recruta sujeitos entre os indivíduos, ou melhor, que a ideologia, a qual chama por “S”- atrelado ao Sujeito e ao Outro lacaniano -, interpela os indivíduos em sujeitos, o qual chama de “s”, mecanismo constitutivo e constituinte do assujeitamento.

Pêcheux (1997) tece sobre a materialização da ideologia na língua, sobre a inerência dos processos ideológicos na materialidade do discurso e concebe que o discurso do sujeito veicula a ideologia dominante. Afirma então que a ideologia com o inconsciente, ao assujeitarem o sujeito, produzem o efeito das evidências subjetivas que o afetam, que o constituem e caracteriza essa noção como uma posição no discurso, dentre outras possíveis, assumidas por um sujeito em determinadas condições de produção, o que acarreta, a este, filiar-se discursivamente a alguns dizeres e não a outros, tendo em vista o recalque inconsciente de não poder tudo dizer/saber bem como o efeito ideológico que condiciona o que pode e deve ser dito. Em seu esboço de uma teoria não-subjetiva da subjetividade dada sua materialidade discursiva, Pêcheux (Ibid.) designa o sujeito assujeitado no universal como singular insubstituível. É isso que faz o sujeito pensar que o que diz corresponde ao que pensa e que só pode ser dito de determinada maneira, pois está submetido ao universal, o “S” de Althusser (1996), o A (Autre)/O (Outro) de Lacan (1998).

Ao processo de silenciamento de outros sentidos provocado pela ideologia, Pêcheux (1997) deu o nome de esquecimentos nº 1 e nº 2, efeitos necessários para que o sujeito se estruture como ser de linguagem e enuncie um discurso. Dado o esquecimento nº 1, o sujeito, ao enunciar, materializa sentidos já existentes e acredita que eles se originam em seu dizer, esquecendo-se de que as palavras pré-existem, tendo em vista o apagamento dos já-ditos, do interdiscurso, do arcabouço da memória de dizer. Dado o esquecimento nº 2, ao formular seu discurso, o sujeito acredita que o que ele pensa é idêntico ao que diz e que só é possível daquela maneira, criando um efeito de que as palavras e seu significado são colados, evidentes.

Assujeitados, em cada contexto sócio-histórico, os sujeitos são autorizados a se filiar a determinadas formações discursivas e não a outras, as quais ficam silenciadas. Na contemporaneidade, temos escutado uma suposta legitimação do processo de inclusão de pessoas consideradas com deficiência em qualquer espaço social; outrora a exclusão fora legitimada. Pontuamos então que a ideologia apregoa um dizer, o qual circula na boca dos sujeitos. E em Giorgenon (2011) sinalizamos sentidos de inclusão e exclusão na voz de sujeitos escolares, quando, capturados pelo discurso dominante veiculado no discurso pedagógico (ORLANDI, 2003), enunciavam sobre inclusão com uma sombra da historicidade do déficit, das formações imaginárias e ideológicas que já circularam sobre aquele que é considerado fora dos padrões de normalidade.

Análise de um recorte discursivo: sentidos que circulam na escola

[...] então essas crianças de inclusão e qualquer outro éé aluno ele dentro do processo ele vai sendo avaliado e a gente percebe progresso e, esses com deficiência maior é claro que é menor, menos ééé ... menos observados, né? esse, esses processo, esse progresso, então éé, eu vejo assim.

Nessa formação discursiva, lemos na conjunção “e” do recorte “então essas crianças de inclusão e qualquer outro é aluno”, uma suposta equivalência, uma união ou ainda uma interseção entre os conjuntos; posteriormente escutam-se uma separação desses conjuntos (“crianças de inclusão” / “qualquer outro aluno”) ao ser demarcado que “dentro do processo ele [“qualquer outro aluno”] vai sendo avaliado e a gente percebe progresso e, esses com deficiência maior é claro que é menor, menos ééé ... menos observados”. A separação se instala pela via do “progresso” “dentro do processo”, cabendo tais sentidos a “qualquer outro aluno”; já para as “crianças de inclusão”, para “esses com deficiência maior” ecoam sentidos de que o progresso “é claro que é menor”, instalando o deficitário como o que não acompanha, o falhoso, deixando-se de questionar o modo como o discurso pedagógico, tal qual Orlandi (2003) preconiza, amordaça e homogeniza os sujeitos escolares capturando-os em seus moldes pré-estabelecidos.

Escutam-se, assim, que os sentidos atribuídos à avaliação, da qual o sujeito enuncia, são atravessados pela memória das avaliações positivistas que se respaldam em critérios desenvolvimentista-cronológicos e que elencam quem é superior ou inferior ao mediano padrão de desenvolvimento. Segundo esses critérios, aquele que tem maior deficiência tem menor progresso, como anuncia o sujeito. Salientamos assim que ecoam em “esses com deficiência maior” e “menos ééé... menos observados”, efeitos de sentidos de que “esses com deficiência maior” são “menos observados” e, ademais, que seu “progresso”, seu “processo” não são observados pelos sujeitos escolares, cegos pelo pré-construído que insiste em dizer que tais sujeitos não aprendem, estando excluída a possibilidade do aprender, do saber. E o sujeito vê assim, do modo que lhe é possível se posicionar discursivamente.

Sentidos de inclusão e exclusão: algumas considerações

Temos anunciado que inclusão e exclusão caminham a passos juntos e o que intentamos denunciar é o movimento de exclusão da exclusão, o qual cria um efeito de sentido de que ela não existe e que pode ser camuflada por meio da legitimação da “educação para todos”. Pontuamos que, capturados ideologicamente pela homogeneidade do mito do todo poder, que vigora neste contexto sócio-histórico, e que se estabelece na educação para todos, como se todos estivessem de fato autorizados a adentrar neste espaço e aprender, os sujeitos são imersos em sentidos de que aqueles que furam essa legitimidade são falhosos, por não responderem a um padrão de normalidade. Por um engodo desses sentidos, sinalizamos, pelo seu avesso, que estes mesmos dizeres ideológicos têm causado abalos no discurso pedagógico de tipo autoritário (ORLANDI, 2003), ao se verificar que este ensino pronto não serve para todos, pois deficitários ou não, cada sujeito se depara com o saber de um modo peculiar, como sinaliza a psicanálise laciana (SANTIAGO, 2005).

Referências

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado (notas para uma investigação). In: ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. p. 145-152.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi [et.al.]. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. (Coleção Repertórios).

SANTIAGO, Ana Lydia. **A inibição intelectual na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.